

OS CASEIROS DE VINHEDO, SÃO PAULO, E A RURALIDADE

THE HOME CARE TAKERS IN VINHEDO, SÃO PAULO, AND RURALITY

Vera Lúcia G. Silva RODRIGUES*

RESUMO

Este artigo aborda um dos novos personagens que passam a integrar o novo mundo rural de Vinhedo: os caseiros. A medida que as fazendas deixam de ser produtivas e se transformam em condomínios fechados ou chácaras de diversos tipos, os antigos meeiros se transformam em caseiros. Ser caseiro passa a ser uma alternativa de emprego também para trabalhadores vindos de outras regiões como o Paraná e Mato Grosso. O artigo enfatiza a pluriatividade destas famílias e os seus diversos vínculos com a terra e perspectivas de futuro mostrando as várias formas de ser caseiro.

ABSTRACT

This article deals with one of the new actors that now integrate the rural world in Vinhedo: the home caretakers. As the farms have a non productive use and are transformed in country houses of all kinds, the "caseiro" became an important work alternative not only for the rural workers of the region, but also for workers from other states, mainly Paraná and Mato Grosso. The article emplatizes the variety among these families and land relationships as well as future projects that form different kinds of home care takers.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo fazer algumas reflexões a partir dos dados levantados durante a pesquisa Novos Atores do Novo Rural em Campinas e Região, um dos subprojetos do projeto temático Caracterização do Novo Rural Brasileiro. Grande parte da pesquisa concen-

trou-se em Vinhedo, pela magnitude das alterações ocorridas em seu espaço rural.

A pesquisa visa conhecer os personagens que integram o mundo rural de Vinhedo, bastante transformado e aberto a novas atividades e, portanto, a novos integrantes.

A medida que as fazendas foram se transformando em chácaras de diversos tipos,

(*) Doutora de Sociologia pela USP, professora do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas, Membro do Laboratório de Estudos Sociedade Ética e Cidadania. E-mail: veragraziano@uol.com.br

loteadas para darem origem aos vários condomínios fechados, ou se voltaram para o turismo, atores sociais tanto da cidade como de fora passaram a integrar um espaço que antes era exclusivo dos proprietários rurais.

Isto significa que se estabelece uma série de novos conflitos entre estes atores, que devem ser compreendidos para que seja possível se pensar políticas públicas dentro deste novo contexto.

Em Vinhedo, em particular, pode-se notar um movimento intenso de substituição dos antigos meeiros que cultivavam a uva, outras frutas e hortaliças por caseiros de diversos tipos.

Entretanto, tem-se observado que a diversidade e o dinamismo do mundo rural não tem levado necessariamente a uma maior cooperação entre seus vários integrantes. Como ressalta Eduardo Moyano, muitas vezes tem-se a impressão de que cada grupo persegue apenas seus interesses particulares, levando a uma dificuldade para se definir interesses coletivos para o mundo rural.

Neste novo olhar sobre a cidade e o campo é necessário enfatizar que além das antigas dinâmicas de geração de emprego e renda, no “novo rural” surgem dinâmicas absolutamente novas no que diz respeito a geração de emprego. Particularmente no caso de Vinhedo é importante considerar aquilo que tem sido chamado de dinâmicas **imobiliárias**. Aqui estão incluídas não apenas a demanda da população urbana de altas rendas por áreas de lazer e/ou segunda residência (casas de campo e de veraneio, chácaras de recreio) bem como a prestação de serviços pessoais a elas relacionados (caseiros, jardineiros, empregados domésticos, etc.) e a demanda da população urbana de baixa renda por terrenos para auto-construção de suas moradias em áreas rurais.

O objetivo aqui é apresentar uma reflexão sobre a realidade destes caseiros, de forma a permitir detectar seus interesses específicos

para que possam, eventualmente, ser repensados a partir de um projeto de desenvolvimento local. Ou seja, para que possam ser avaliados tendo em vista a definição de interesses de caráter mais coletivo para este novo mundo rural.

Num primeiro momento serão abordadas algumas características gerais para em seguida detalharmos alguns perfis de caseiros encontrados na pesquisa. Aqui foi necessário manter algumas de suas falas, no sentido de tornar mais claras a suas diferentes formas de relação com a terra, perspectivas de futuro, do ser caseiro enfim.

I - OS CASEIROS: CARACTERÍSTICAS GERAIS

Um primeiro dado importante para detectarmos o perfil dos caseiros é a divisão por sexo. É interessante ressaltar aqui a grande presença de mulheres caseiras, principalmente nas chácaras dentro dos condomínios fechados, onde a proporção homem/mulher é bastante equilibrada¹.

Este equilíbrio advém do fato de que é bastante freqüente a contratação do casal. É praticamente indiferente se no casal o homem é o caseiro e a mulher trabalha como empregada doméstica, ou se a mulher é a caseira e ele é contratado como jardineiro/piscineiro. Assim, a proporção relativa de homens para mulheres é a mesma.

Uma hipótese interessante para explicar esta grande presença feminina é que o ser caseiro, quanto mais afastado das atividades agrícolas no sentido estrito, exige pouco esforço físico, deixando de ser algo que poderia ser mais adequado aos homens. Neste sentido, além de mulheres, observou-se a presença de homens idosos entre os caseiros.

Com relação à idade, *a atividade de caseiro parece ser algo característico dos entrevistados mais jovens- entre 20 a 39*

⁽¹⁾ Grande parte destes dados podem ser encontrados de maneira detalhada, inclusive na forma de tabelas, no relatório de André Pires, citado na bibliografia. André Pires é também integrante do projeto.

anos... Entre o subgrupo de caseiros que trabalham em condomínios, mais da metade tem entre 20 e 39 anos... O número considerável de caseiras jovens, em especial as que trabalham em condomínio, deve-se ao fato de que como caseira, muitas vezes, a mulher fica responsável pela casa, e o marido ou companheiro faz serviço de jardinagem, limpeza de piscina em casas próximas. Neste sentido, podemos notar que em muitos casos os cônjuges desempenham tarefas complementares exercendo o mesmo tipo de atividade, sendo que um - geralmente a mulher - trabalha cuidando da casa e o outro - o homem - cuida do jardim da propriedade e ainda faz serviços extra fora dela (Pires, 2001:18).

Com relação ao estado civil dos caseiros, predominam as uniões conjugais formais (casamentos) ou informais (juntado/amigado). São raros os casos de solteiros, embora isto eventualmente ocorra entre os membros mais jovens. Existe também uma proporção relativamente grande daqueles que já foram casados mas que agora estão separados ou viúvos. Isto significa que embora haja uma predominância de casais, alternando as funções de caseiro/empregada doméstica ou caseira/jardineiro, não é impossível a contratação de membros solteiros e/ou separados como caseiros. Aqui, geralmente, a chácara é muito pequena e não produtiva, não absorvendo o trabalho de mais de um membro. Sendo necessário, uma faxineira ou um jardineiro são contratados externamente.

De qualquer forma, é interessante ressaltar que normalmente há o interesse na contratação do casal, o homem se responsabilizando pelo serviço externo da chácara e a mulher pelo serviço interno da casa.

No que se refere à origem, existem aqueles que nasceram em Vinhedo e região, ou em outros municípios paulistas, mas existe uma parcela considerável que nasceu fora do Estado de São Paulo.

Com relação a estes últimos, os principais estados de origem são o Paraná - o grande campeão - seguido de Minas e do Nordeste. Isto

significa que Vinhedo tem atraído mão-de-obra de outros estados pela oferta de emprego doméstico como caseiro.

Esta atração de migrantes que a atividade e a cidade exercem, entretanto, dá-se de maneira diferenciada. Em primeiro lugar, podemos observar que Vinhedo pode ser o destino de um grupo que antes experimentou morar em outras cidades muitas vezes exercendo outras atividades. .. É curioso notar que poucos tiveram passagem pela Capital, cidade que em épocas passadas era passagem quase que obrigatória dos migrantes (seja oriundos do estado como de fora)...

Outro dado importante, é que Vinhedo passa a ser um atrativo direto de migrantes que saem de suas cidades de origem e para lá se dirigem sem experimentar passagens por outros municípios...

Nos casos em que Vinhedo aparece como o destino de migrantes (seja direto ou com escalas em outras cidades), o que parece ser decisivo na escolha, além da possibilidade de emprego, é a existência de vínculos prévios com residentes no município. Nesta situação, os migrantes que vieram antes chamam seus parentes ou amigos para vir trabalhar em Vinhedo, em alguns casos, com emprego previamente acertado. (Pires, 2001:22/23).

Além de freqüentemente o fato de ter algum parente e/ou amigo já trabalhando em Vinhedo facilitar a vinda, a melhoria da qualidade de vida daqueles que migraram é um estímulo para outros virem.

Esta melhor qualidade de vida é percebida não só nas condições de moradia e trabalho, como nos serviços, principalmente naqueles relativos à saúde e educação. Vinhedo apresenta, em comparação à região de origem, a possibilidade de viver melhor, educar os filhos e ainda conseguir acumular algum dinheiro. Como disse um dos entrevistados em seu

depoimento, o próprio fato de ele ter condições financeiras para ir visitar os parentes com seu carrinho nas férias já se constitui num estímulo para que outros venham. Não é sequer necessário convidar diretamente.

Um dado interessante é que tanto para os que vieram de fora como para os que nasceram na própria região, ser caseiro em Vinhedo quase sempre significa parte de uma trajetória que passou pelo rural no seu sentido mais tradicional. Com relação àqueles originários de Vinhedo, é freqüente terem sido meeiros nas antigas lavouras de uva, figo, etc. da região.

É interessante ressaltar que muitas vezes nesta trajetória pelo rural no seu sentido mais tradicional, houve esforço de se manter nele com atividades mais “alternativas”. S.F., por exemplo, era meeiro de café em Terra Rica no Paraná e com a crescente queda de preço desta cultura foi tentar a cultura do bicho da seda em Vinhema, Mato Grosso do Sul. Só desistiu e mudou para Vinhedo em 1995 porque também esta nova cultura *não tinha preço*. Continua tendo forte desejo de ter sua terra, chegando a afirmar que não pretende ter qualquer outra atividade no futuro. *O dia que sair daqui volto para o Mato Grosso*, fez questão de enfatizar durante a entrevista.

Assim como S.F. muitos outros tentaram a cultura do bicho da seda no Paraná ou no Mato Grosso do Sul como forma de não abandonar a agricultura.

Um aspecto a ser destacado dentro destas trajetórias é que *a atividade de caseiro, em alguns casos, é uma atividade temporária dentro do curso de vida do entrevistado e de sua família. Ou seja, trata-se de um momento de juntar dinheiro ou fazer seu pe’de meia, para depois retornar ao local de origem onde, em alguns casos, há ainda uma propriedade para se poder trabalhar...*

Assim, encarada como algo temporário dentro do curso de vida, exercer a atividade de caseiro como forma de garantir a

reprodução, a propriedade familiar na terra de origem e ainda conseguir algum tipo de acumulação torna-se uma atividade propícia aos mais jovens (Pires, 2001:20).

Exercer esta atividade temporariamente pode ser também uma estratégia de acumular para poder comprar uma casa própria e a partir da moradia assegurada, ter maiores chances no mercado de trabalho urbano. Nestes casos ser caseiro significa um momento da trajetória - não mais rural - onde o objetivo maior é evitar o pagamento do aluguel enquanto a aquisição da casa própria não é possível. A casa própria possibilitaria abandonar o emprego de caseiro e buscar uma alternativa melhor.

Se o ser caseiro pode ser considerado apenas uma atividade transitória para alguns, há um número significativo de entrevistados para os quais a profissão de caseiro é considerada a alternativa mais viável de emprego e não existe muita perspectiva de abandoná-la. Ser caseiro então é tido como uma profissão a ser exercida de forma permanente, e não apenas enquanto não for possível a volta a propriedade paterna, a compra de terra ou casa própria.

Os dados sobre escolaridade mostram que *a grande maioria ou não completou o primeiro grau ou não freqüentou a escola (Pires, 2001:25)*, conforme indicavam os dados para o Estado de São Paulo.

Com relação aos salários, normalmente o casal junto recebia em final de 2001, início de 2002, R\$600,00². É comum, porém, o relacionamento extremamente paternalista com o patrão elevar consideravelmente este salário. Só a título de exemplo, além da casa, água, luz e telefone, o patrão pagava a um dos caseiros as despesas de padaria e açougue. Para um outro, trazia grande parte da compra de supermercado.

Eles trazem para nós. Eles passam no supermercado compram as coisas para eles, depois algumas coisas para nós, e trazem até aqui. O que se for colocar na ponta do lápis mesmo a gente acaba

⁽³⁾ É importante ressaltar que a pesquisa quantitativa deverá proporcionar valores mais exatos do que estes coletados até o momento pela pesquisa qualitativa.

ganhando uns R\$ 800,00 ou R\$ 900,00 por mês. Ele me ajuda muito.

Esta relação paternalista era tão forte neste último caso que embora o caseiro tivesse planos de se especializar como eletricitista, não pretendia deixar o emprego até a morte do patrão, que, segundo repetiu várias vezes no depoimento, o tratava como um membro da família. São considerados netos e as crianças bisnetos, daí receberem “mesada” a exemplo dos netos “verdadeiros”.

Eu não sei, mas aqui com eles, eu pretendo ficar enquanto eles estiverem vivos, depois eu não sei como vai ficar. Não sei se vou me dar bem trabalhando para os filhos, de repente pode ser que seja a mesma coisa e a gente continue, mas por enquanto eu não sei, porque eles pegaram uma confiança na gente e a gente neles que eles falam que a gente não é empregado a gente é neto, eu tenho a idade dos netos dele, tratam a gente como se fossemos da família, é muito gostoso ter essa relação e essa liberdade com eles, mas sem estar abusando porque se não começa a ficar uma coisa muito misturada e então fica ruim né?

O Leonardo que tem 7 anos e a Maria Fernanda que completou 6 meses agora, e aqui eles falam que é a maior alegria para eles, até porque eles tem um bisnetinho com 3 anos e eles falam que a Maria Fernanda é a bisnetinha deles. Eles tratam ela com se fosse mesmo.

Ou seja, de forma semelhante às “velhas” relações paternalistas, o salário monetário é frequentemente complementado com uma remuneração em espécie. Esta pode vir sob a forma de fornecimento de gêneros ou pela autorização de ficar com a renda de produtos eventualmente cultivados na chácara. Como explica VDS:

Aqui eu e a mulher estamos com R\$ 600,00, cesta básica, padaria, açougue, se você chegar em uma padaria ou um açougue por aí ninguém me conhece, porque ele (o patrão) passa e já trás o pão e o leite, vai no açougue e compra a mistura para oito ou quinze dias para a gente, vendo que você pode entrar aí que tem: porco, galinha, é e como eu falei só não tem bicho grande, pequeno tem de tudo

Pode-se constatar de qualquer forma uma diversidade muito grande em termos de salário, principalmente entre aqueles que trabalham em chácaras produtivas e aqueles que exercem a função como empregados domésticos. Existe ainda uma diferença razoável de acordo com o nível das exigências feitas. Os patrões que exigem pouco geralmente pagam menos e até em função disto permitem que o caseiro exerça outra atividade.

Geralmente os caseiros que trabalham em chácaras onde tem que cuidar de algum tipo de produção ganham melhor. É o caso de Valdomiro e Fábio, que ganham mais de R\$ 600,00. Já V, que apenas toma conta da casa, não tendo a obrigação de atender aos patrões nos finais de semana ganha apenas R\$ 250,00.

Mais que isto, enquanto os dois primeiros são registrados, V. trabalha sem registro.

Este lado pessoal da relação é bastante valorizado. Permite que conheça o patrão e não que se tenha apenas uma relação distante com ele.

Este lado paternalista da relação explica de um lado porque muitas vezes os caseiros trabalham sem registro, ou seja, sem formalizar a relação³. De outro, porque muitas vezes o patrão permite que o caseiro abrigue membros que não compõem o núcleo familiar.

Este lado paternalista da relação explica também porque alguns se adaptam a nova atividade e outros não. Como a relação tem um componente pessoal, precisa haver uma compatibilidade entre o que é esperado do caseiro

⁽³⁾ Maria José Carneiro (2001) lembra que no Brasil a informalidade das relações de trabalho neste tipo prestação de serviço é freqüente. Embora exista a legislação que regula as relações de contrato de trabalho doméstico, a fiscalização e penalidades não são suficientes para impedir o descumprimento da lei.

por parte de cada proprietário e a disponibilidade deste de estar atendendo a esta expectativa.

Só a título de exemplo, enquanto uma família de proprietários exige dedicação total dos caseiros durante o final de semana⁴, outros preferem manter sua privacidade e a caseira só entra na casa para lavar a louça.

Mais que isto, enquanto alguns proprietários permitem uma certa flexibilidade, não controlando horários e não exigindo que o caseiro trabalhe só na propriedade, outros são mais rígidos e querem exclusividade na relação de trabalho.

Em algumas situações a mulher do caseiro chega a trabalhar como empregada doméstica na casa do patrão na cidade.

O que se quer enfatizar é que muito mais do que um perfil único, o ser caseiro é bastante determinado pelas características pessoais do proprietário e sua família. Neste sentido, ainda existe muito de pessoal na relação e os conflitos demonstram isto⁵. Assim, parece ser importante ajustar o perfil do caseiro às características do proprietário e sua família, como acontece no emprego doméstico em geral.

A necessidade de se estabelecer uma relação de confiança também foi apontada como importante nesta relação. Afinal, a casa fica sob sua responsabilidade boa parte do tempo.

OS CASEIROS E A PLURIATIVIDADE: A CHÁCARA ENQUANTO LOCAL DE TRABALHO E MORADIA

Uma das propostas do subprojeto é enfatizar a questão da pluriatividade entre estas famílias, a partir da hipótese de que esta adquire dimensões diversas em realidades diferentes.

Pluriatividade está sendo entendida como a combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas, dentro de um contexto em que a agricultura se torna cada vez mais uma atividade parcial.

Ou seja, a pluriatividade significa a combinação de atividades agropecuárias com atividades não-agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbano-industriais, como nas novas atividades que vêm se desenvolvendo no meio rural, como lazer, turismo, conservação da natureza, moradia e prestação de serviços pessoais.

Em resumo, a pluriatividade pode se configurar de duas formas básicas:

- a) *por meio do mercado de trabalho relativamente indiferenciado, que combina desde a prestação de serviços manuais até o emprego temporário nas indústrias tradicionais (agroindústrias, têxtil, vidro, bebidas, etc.);*
- b) *por meio da combinação de atividades tipicamente urbanas do setor terciário com o "management" das atividades agropecuárias (Graziano da Silva, 1999:7).*

Aqui interessa aprofundar a pluriatividade em uma situação onde o espaço rural e urbano estão muito próximos do ponto de vista físico.

Existem famílias que adotam uma estratégia de sobrevivência bastante diversificada. Em uma delas, por exemplo, o marido é caseiro e cultiva produtos orgânicos em estufa. Por sua vez, esposa o auxilia nesta última atividade, faz faxina na casa da chácara e em outras residências, além vender produtos de beleza.

A pluriatividade enquanto combinação de várias atividades agrícolas e não-agrícolas sendo exercidas tanto no interior da chácara, quanto fora dela, só é possível pela sua proximidade com a cidade.

De qualquer maneira, pode-se observar várias formas e graus de pluriatividade entre as famílias. Foi importante inicialmente classificar os domicílios em três categorias: os domicílios em que todos trabalham dentro da chácara, os domicílios em que há membros trabalhando

⁽⁴⁾ Grande parte dos caseiros tem inclusive que preparar o churrasco para o patrão.

⁽⁵⁾ É interessante perceber que muitas vezes o conflito se dá entre a mulher do caseiro e o patrão em termos muito semelhantes aos que acontecem entre as empregadas domésticas e as suas patroas. Em vários depoimentos a justificativa para o abandono do emprego anterior como caseiro foram divergências da esposa com o patrão.

dentro e/ou fora e finalmente aqueles em que os membros trabalham somente fora (Pires, 2001:37).

Trabalhamos com os domicílios de forma a levar em conta não somente o entrevistado mas o conjunto dos residentes no domicílio, conforme proposta definida na metodologia.

Os dados trabalhados até o momento indicam que a pluriatividade está presente de maneira significativa nestas famílias⁶. É importante destacar de qualquer forma que existe uma parcela de domicílios(23%) cujos membros dependem exclusivamente do trabalho dentro da chácara.

Em relação ao trabalho interno, os cônjuges formam os principais parceiros... Do total de 23 cônjuges existentes dentro do grupo dos caseiros, 19 (ou 82,60%) ajudam seus maridos ou esposas no trabalho dentro das chácaras. Tal como dissemos anteriormente, homens e mulheres desempenham atividades complementares dentro das chácaras, sendo que o primeiro normalmente cuida do jardim ou horta enquanto a mulher trabalha como doméstica ou faxineira na casa do patrão. ...

Sobre o trabalho fora da propriedade, podemos observar que mais de 53% dos entrevistados do grupo de caseiros trabalha fora, assim como quase 44% de seus cônjuges (Pires, 2001:38).

Com relação à questão da moradia, houve muita ênfase no sentido de colocar o sítio rural como um local mais tranquilo para se viver.

Entretanto, é importante frisar que muitos, ao falar das condições de moradia, falavam ao mesmo tempo das condições de trabalho. *Sendo a profissão de caseiro (até pelo seu próprio nome) identificada pela associação entre local de trabalho e local de moradia, não é surpreendente que tenha havido este tipo de*

interpretação. Para grande parte de dos caseiros, portanto, falar das vantagens do seu local de moradia significa falar, também, das vantagens da sua profissão, tais como não ter que pagar água/luz/aluguel, em ter um bom salário ou melhores oportunidades de emprego (Pires, 2001:40).

Ressalte-se que em algumas situações, a chácara é apenas local de residência tanto para o proprietário, como para o próprio caseiro.

Um exemplo interessante é de A.L.J, cujos padrões foram obrigados a residir na chácara do pai devido às dificuldades financeiras da empresa. Embora não pague salário, o casal "cuida" do caseiro, já com oitenta anos⁷, e permite que ele cultive uma horta para sua subsistência. Em troca, o caseiro ajuda na manutenção da chácara e cuida dela e dos animais na ausência dos padrões. Estes enfatizam a lealdade de A.L.J. Assim, a chácara vem permitindo pelo menos a sobrevivência do caseiro e padrões até a situação financeira da família melhorar.

Com relação aos caseiros, as chácaras servem muitas vezes de residência não só para o casal e seus filhos solteiros, como para os casados e suas novas famílias também. Em várias destas famílias, filhos separados voltaram a residir com os pais na propriedade onde estes são caseiros. É freqüente também a chácara abrigar os netos de filhos ou filhas solteiras.

Nestas situações, mais do que o salário propriamente dito, o importante é que a chácara passa a abrigar uma família numerosa.

É importante ressaltar que existem situações em que a propriedade ainda é produtiva e absorve a mão de obra de quase todos estes membros. Aqui, a manutenção de uma família extensa garante a necessidade de mão de obra a um custo reduzido. Em outros, onde não se produz praticamente mais nada na propriedade, apenas um dos membros tem vínculo de trabalho

⁽⁶⁾ Tabelas elaboradas por André Pires mostram que em quase 74% dos domicílios do grupo de caseiros já entrevistados existiam indivíduos que trabalham dentro e/ou fora da propriedade.

⁽⁷⁾ Viúvo e com os filhos morando longe, são os padrões que socorrem ALJ em casos de doenças, cada vez mais freqüentes. ALJ reconhece que é a eles que recorre em caso de problemas sérios.

com a chácara e os demais exercem outras atividades fora dela. De qualquer forma, a chácara torna-se importante na estratégia de sobrevivência da família enquanto local de moradia, principalmente devido ao alto custo do aluguel na região.

Nos condomínios fechados, obviamente, a realidade é diversa. Neles o fundamental é garantir a segurança e a privacidade, sendo a preferência por famílias pequenas, formadas por casais jovens e mesmo por pessoas viúvas ou solteiras. Às vezes, inclusive, os caseiros sequer residem no local. Afinal, na vida em condomínio, a possibilidade de isolamento é mais que uma questão de assegurar uma vida tranqüila. É também estar espacialmente separado das pessoas de menor poder aquisitivo, onde a presença só é permitida como jardineiros, empregadas domésticas, piscineiros ou caseiros. Todos, é claro, devidamente credenciados⁸!

Assim, é possível perceber que quanto mais “rural” a propriedade, mais se preserva a possibilidade de manter a família no mesmo domicílio ou, com o casamento, em domicílios próximos na mesma propriedade. A diferença é que esta estratégia de manutenção do domicílio não está mais associada a uma estratégia de unidade de produção. Ao contrário, a existência de famílias que vivem só do trabalho na chácara é rara. A propriedade não é mais local de trabalho para o conjunto da unidade familiar, mas converte-se em local de moradia para grande parte deles, que exercem atividades não agrícolas.

É interessante observar que a questão da moradia torna-se relevante e adquire uma importância excepcional nesta situação de transição. Mesmo quando a família está relativamente bem alojada e já reside na propriedade por um longo período, o risco de perder a residência com as alterações em curso recoloca o problema da moradia. É o caso de uma família de S.R.S, constituída por marido, mulher, sogra e três filhos, um deles casado,

morando em dois domicílios diferentes numa chácara ainda produtiva, mas cujo proprietário tem planos para transformá-la numa pousada. Assim, um dos filhos já comprou uma casa para abrigar a família caso esta possibilidade se confirme. Ressalte-se que isto só foi possível porque este filho tinha um emprego relativamente bem remunerado fora da propriedade.

A procura por planos de habitação popular tem sido também muito freqüente entre os caseiros, pois a aquisição da casa própria é uma garantia frente à instabilidade do emprego. Afinal, a moradia e o emprego estão vinculados, quando se trata de ser caseiro.

Em outras palavras, o sonho da casa própria está muito presente, mesmo entre aqueles caseiros que tiveram uma trajetória no meio rural e que tem como projeto futuro comprar terras, principalmente em lugares onde o seu preço é mais acessível. É como se na impossibilidade de comprar um pedaço de terra maior, a compra da casa se apresentasse como um projeto mais viável. Muitos caseiros já compraram suas casas, principalmente no bairro da Capela, e mais recentemente Vida Nova, onde o preço do terreno é mais acessível. De qualquer forma convém lembrar a valorização imobiliária no município. Apenas para se ter uma idéia, um terreno de apenas 160 m² nestes bairros estava avaliado em R\$ 15 mil em abril de 2002.

Ressalte-se ainda que em grande medida o fato de não pagar aluguel enquanto caseiro é que permite guardar dinheiro para a compra da casa posteriormente.

Para a mulher, o sonho da casa própria não significa muitas vezes apenas segurança material advinda do fato de ter moradia assegurada. Significa ser finalmente dona de sua própria casa, já que como caseira mora numa casa que não lhe pertence, embora não pague aluguel.

Não foi raro encontrar caseiras bastante divididas entre o desejo de permanecer como

⁽⁸⁾ Detalhes do que é a vida em condomínio podem ser vistos no trabalho de Rosângela Escorza. A Urbanização do Meio Rural: condomínios fechados em Vinhedo, São Paulo. Trata-se de dissertação de mestrado a ser apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas no início de 2003.

caseiras - tanto pelas vantagens oferecidas, como por querer manter o vínculo com alguma forma de atividade agrícola - e o desejo de ser dona de um espaço que lhe pertença totalmente, de uma casa da qual ela seja realmente a dona.

De qualquer forma, uma primeira constatação importante, além de sua diversidade, é que o rural em Vinhedo vem adquirindo crescentemente a função de moradia para a população nas mais diversas faixas de renda.

Isto é verdade, em primeiro lugar, para os caseiros, que abrigam muitas vezes não só a família nuclear mas outros parentes e a nova família dos filhos casados. Esta foi, aliás, uma vantagem freqüentemente apontada pelas caseiras com relação a ser empregada doméstica. Se elas perdem em certa medida a privacidade por combinar o espaço de trabalho e de residência, podem, por outro lado, garantir a moradia para toda a família, além de cuidar dos filhos ao mesmo tempo que trabalham.

Com relação aos filhos de proprietários, a chácara ou o sítio freqüentemente deixa de produzir, mas cada vez mais torna-se o espaço onde novos domicílios são construídos. Ao se casarem, os filhos e/ou seus cônjuges, mesmo trabalhando em atividades não-agrícolas constroem suas residências na propriedade paterna. Mais que isto, embora com menor freqüência, a propriedade paterna torna-se local de residência e trabalho para filhos que perderam seu emprego em outras atividades. Com a facilidade de acesso, os filhos podem não apenas residir na chácara, mas nela exercer uma atividade não-agrícola, como a de mecânico, por exemplo.

Neste sentido as chácaras passam a ter, não só para algumas famílias de caseiros como para a de filhos dos proprietários, um duplo papel em sua estratégia de sobrevivência. Constituem-se ao mesmo tempo local de moradia e de trabalho. A proximidade da cidade permite que exerçam atividades tipicamente urbanas. R. A .P. M, por exemplo combina o ser caseira com a venda de produtos da marca Natura para sua clientela na cidade, além de cultivar produtos orgânicos em estufa.

Interessante observar que não é rara a construção de vínculos de sociabilidade bastante intensos entre as famílias de caseiros e de chacareiros/sitiantes. Só a título de exemplo, ECF, filha de NMCF e PBF, caseiros, é casada com o filho de um sitiante e mora com o sogro. A proximidade das duas propriedades permite que ECF deixe a filha com a mãe enquanto trabalha de motorista fazendo transporte escolar.

Finalmente, e este é um fenômeno que já esperávamos encontrar, as chácaras e os condomínios fechados tornam-se residências permanentes ou secundárias para uma população de alta renda que busca mais segurança e tranquilidade.

Ressalte-se que o fato do rural vir assumindo crescentemente a função de local de moradia não significa necessariamente que em todas as situações ele esteja restrito a esta função. Em algumas propriedades, elas ainda abrigam famílias dos empregados ou do próprio proprietário que continuam se dedicando à agricultura. Nestas situações combina-se local de residência e local de trabalho, neste caso agrícola. Do ponto de vista do proprietário, contratar famílias grandes com membros em idade produtiva garante sua necessidade de mão-de-obra o ano todo a um baixo custo. O fato de oferecerem moradia permite rebaixar salários e evitar o custo de transporte. Evita contratar um grande contingente de mão-de-obra a um custo superior na época da colheita.

Exemplo típico destas famílias é a de L.C.C. Além dele mais sete membros trabalham na chácara, que produz pêssego e possui sete mil pés de figo. Cada um recebe um salário mínimo, mas não tem participação na produção.

Um outro dado relevante é que além de garantir residência para vários segmentos da população, as chácaras têm a possibilidade de pagar o Imposto Territorial Rural (ITR), este bem menor do que o Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU). Assim, observou-se uma grande preocupação em se caracterizar a propriedade de maneira a que continue credenciada a pagar o ITR, já que a grande metragem dos terrenos significaria pagar um imposto extremamente elevado.

Ou seja, neste momento de transição, um problema que tem afligido os proprietários é que abandonar as atividades agrícolas e substituí-las por não-agrícolas têm dificultado o pagamento do ITR. Há uma grande preocupação em se manter um mínimo de produção agrícola que justifique o pagamento do imposto ao INCRA, e não para a prefeitura. Neste sentido, é comum a manutenção de alguma atividade produtiva exclusivamente com esta finalidade.

Resumindo, assumir apenas a função de moradia, está inviabilizando algo que é fundamental para estas propriedades que é caracterizá-las como estabelecimento rural. Ou seja, assumir exclusivamente a função de moradia traz para este novo rural um conflito, ao descaracterizá-lo como rural do ponto de vista administrativo e legal.

Em outras palavras, manter a propriedade exclusivamente como moradia, esbarra com o problema de sua classificação como rural para estar habilitada ao pagamento do ITR. Assim, nas situações em que isto é viável, a propriedade acaba sendo vendida e loteada para a construção de condomínios fechados.

De qualquer maneira, observa-se uma grande preocupação com a obrigatoriedade do pagamento do IPTU, à medida que pela classificação da Prefeitura não existe mais zona rural no município. É possível imaginar que surja uma resistência a esta classificação da prefeitura, pois afinal a venda da propriedade para loteamento não é o desejo e nem plausível para todos os proprietários. Este é um dos aspectos que pretendemos continuar acompanhando no decorrer da pesquisa.

Fica claro, portanto, que dentro das novas funções que a agricultura vem adquirindo - proteção ambiental, o lazer, o turismo - o ser residência, não só para antigos moradores de regiões urbanas como para as famílias ampliadas do próprio rural, vem prevalecendo. A exploração do turismo coloca-se como uma possibilidade, mas ainda não está concretizada.

É interessante que a transformação das chácaras em local de moradia acaba proporcionando novas formas de renda. Um proprietário alugou, além de duas casas, um barracão de sua chácara para um frigorífico. Um outro aproveitou a experiência adquirida com o loteamento de sua chácara e se tornou corretor de imóveis.

Fica claro ainda que do ponto de vista dos proprietários, a transformação do estabelecimento em moradia adquire significados diferentes para os vinhedenses, e para aqueles que vem de fora, geralmente de São Paulo.

Para os primeiros, esta transformação faz parte de uma estratégia de sobrevivência. Utilizar a propriedade como local de residência e ter grande parte dos membros exercendo atividades não-agrícolas é uma alternativa para enfrentar a crise do preço da uva e outros produtos tradicionalmente cultivados na região. Outras alternativas são mantê-la produtiva, voltá-la para o turismo ou loteá-la de maneira definitiva. E a “opção” nunca é tranqüila. Como declarou a um repórter o proprietário da Chácara São Sebastião quando perguntado porque não deixava o “progresso” invadir sua chácara, vendendo-a para a instalação de alguma empresa, já que está situada ao lado do Distrito Industrial : *Tento viver da uva. Até agora ela me deu a camisa. Tenho fé que vai continuar assim. Mas está ficando difícil para trabalhar*⁹.

Em resumo, para as antigas famílias de Vinhedo, dar outras funções para a propriedade e no limite vendê-la, é visto quase como uma imposição, à qual geralmente oferecem resistência. Significa abandonar uma atividade que a família já vinha mantendo não porque quisesse, mas porque são obrigados. Daí porque muitas vezes insistir em mantê-la é visto como um verdadeiro ato de “teimosia”. A valorização imobiliária torna esta resistência crescentemente mais difícil, uma vez que a venda da propriedade torna-se cada vez mais atraente em comparação

⁽⁹⁾ Vários depoimentos interessantes neste sentido podem ser encontrados na reportagem **Vinhedo ainda tem uva sim senhor**, no Caderno B do Jornal de Vinhedo de 17 de março de 2001.

com a eventual renda advinda da venda de produtos agrícolas.

Para os “de fora”, ao contrário, a busca de uma residência permanente ou secundária é efetivamente uma opção na busca de uma melhor qualidade de vida. É tido como algo que será benéfico no sentido de que proporcionará coisas que não vinha tendo na cidade: segurança, tranquilidade, lazer, ar puro, etc. Significa, assim, mudar para melhor. O espaço torna-se um estilo de vida ao qual as pessoas aspiram¹⁰.

Neste contexto, é interessante destacar a peculiaridade da situação dos caseiros com relação à questão da moradia.

Em primeiro lugar, o fato do emprego como caseiro garantir a moradia, num padrão geralmente bastante razoável, evitando gastos com aluguel, água, luz, etc. é tido como sua principal vantagem.

Mais que isto, significa usufruir de um estilo de vida altamente valorizado. Assim como seus patrões, podem gozar do sossego, ar puro, segurança etc. que as chácaras supostamente oferecem. Quando perguntados sobre as vantagens de morar naquele local, estes são os aspectos mais valorizados pelos caseiros, num discurso bastante parecido com o da classe média e alta. O significado, entretanto, é diverso para ambos. Se para estes morar nas chácaras significa a busca da qualidade de vida que a cidade grande não mais oferece, para os caseiros, geralmente com uma trajetória rural, significa a possibilidade de manter um modo de vida ao qual estavam habituados no sítio ou pequenas cidades do interior.

O fato de fornecer possibilidade de evitar gastos com aluguel, luz, água, etc. é tão importante que chegamos a encontrar situações onde este foi um dado relevante para a opção por se tornar caseiro.

D.S.R., por exemplo, trabalhava como ajudante geral no BANESPA de Vinhedo quando ela e o marido, então desempregado,

decidiram trabalhar na chácara. Ser caseiro neste caso significou o abandono de um emprego na cidade e voltar a morar num lugar mais tranquilo e com menos violência, além de desenvolver atividade agrícola. D.S.R. e o marido cultivam, em meação com o patrão, quatrocentas caixas de uva.

Resumindo, a experiência de D.S.R. e sua família é bastante interessante porque a vivência no Paraná como diarista nas lavouras de algodão ou mensalista nas lavouras de café foi seguida pela passagem por um bairro periférico violento em Campinas. Isto lhes dá uma consciência bastante clara das vantagens desta volta ao “rural”, um novo rural, apesar de sua estratégia de sobrevivência implicar em muito trabalho.

Em outras palavras, morar nas chácaras não significa simplesmente ter moradia gratuita. Significa ter moradia num espaço onde a qualidade de vida é extremamente valorizada. Neste sentido, é interessante ressaltar que com relação ao projeto de futuro destes caseiros, para aqueles em que o acesso a terra coloca-se como relevante, adquirir uma chácara semelhante àquela em que trabalham, inclusive no mesmo local, é um desejo bastante mencionado.

Mais que isto, para a classe trabalhadora em geral, morar em área rural nem sempre é uma escolha. Muitas vezes ela é forçada a isto, apesar de seu emprego ser bastante distante. Para os caseiros, entretanto, isto não se constitui obviamente num problema, e mesmo quando exerce outras atividades, isto se dá em propriedades bastante próximas.

Assim, confirma-se em Vinhedo para um conjunto extremamente diversificado de pessoas, a existência de pequenas glebas que tem a função muito mais de uma residência rural do que de estabelecimento agropecuário produtivo. Fica claro que a modernização das estruturas agrárias podia implicar no abandono da atividade agrícola porém não necessariamente da

⁽¹⁰⁾ Pahl faz uma interessante discussão sobre a diferença do morar numa área rural londrina para a classe trabalhadora e para setores da classe média e alta, já que para a primeira morar longe do local de trabalho significa uma carga econômica adicional para a família. Ver o capítulo por ele escrito no livro Modelos Sócio-Econômicos em Geografia. Livro Técnico/USP, RJ. 1975, organizado por Choley, R. Haggett.

residência na zona rural. *Os agricultores e camponeses que consideravam os ingressos da atividade agropecuária como insuficientes, se encontravam uma oportunidade de trabalho na mesma localidade ou zona onde tinham suas terras, permaneciam, se não a encontravam abandonavam não apenas a atividade senão a área rural* (Saraceno, 2001:3). Em Vinhedo, a primeira alternativa foi viável, e a propriedade transformou-se em lugar de residência.

A especificidade de Vinhedo, além da heterogeneidade de pessoas que utilizam as propriedades como residência rural, está na dificuldade de se manter estas propriedades como rural. Os proprietários têm enfrentado cada vez mais dificuldades para caracterizar os estabelecimentos como rural e assim continuar pagando o ITR e não o IPTU. E pagar o IPTU inviabilizaria a manutenção destas propriedades.

Um dado interessante nesta direção é que dentro da Região Metropolitana de Campinas, Vinhedo lidera em arrecadação de impostos exclusivos do município. *Segundo dados da Assessoria Econômica e Financeira da Prefeitura, em 2000 o município registrou R\$ 13.990.884,00 de arrecadação de IPTU e ISS, os dois principais componentes de arrecadação própria. O valor representa por habitante R\$ 296,32. Em 96 era de R\$ 243,83. Teve um crescimento nominal de 21,53%. Entre 1996 e 2000 o crescimento destes impostos foi de 48,56%* (Jornal de Vinhedo, 30/03/02:B1).

A citação é longa mas demonstra bem a importância que a Prefeitura dá à arrecadação do IPTU.

Um outro aspecto a ser ressaltado é que muitas vezes a propriedade, além de residência, se transforma em local de trabalho, agora não mais agrícola. Oficinas, salões de beleza, micro-empresas foram encontradas funcionando nas propriedades. Só a título de exemplo, N.N. aproveitou sua formação técnica e montou na propriedade uma micro-empresa que faz equipamentos para cerâmicas. Ele criou o projeto e monta a própria máquina se o cliente quiser, além de fornecer o equipamento. Para tanto, contratou três funcionários e ainda cultiva uva,

que lhe dá um rendimento de cerca de R\$ 10.000,00 anuais.

É interessante ressaltar que apesar de voltado para uma outra atividade, o proprietário tem um vínculo bastante forte com o rural e afirma que gosta de cultivar a uva, e que viveria disto se pudesse. Tanto assim que vendeu apenas uma pequena parcela da propriedade.

Resumindo, em Vinhedo a proximidade das chácaras ou pequenas propriedades com a cidade permite *manter a residência estável em uma zona rural e desfrutar de rendas, estilo de vida e qualificações profissionais comparáveis às das áreas urbanas, a um custo inferior* (Saraceno, 2001:10)

Em grande medida isto é que explica a grande atração pelo emprego de caseiro em Vinhedo e a transformação de seu espaço rural em local de moradia.

Mais que isto, é esta proximidade que abre a possibilidade de diversas alternativas de atividades além do emprego de caseiro. Atividades que vão desde aquelas ainda agrícolas (cultivo de frutas ou hortaliças em estufas) como as vinculadas aos próprios condomínios (pedreiros, piscineros, jardineiros, etc) e finalmente aquelas já tipicamente vinculadas a cidade: cabeleireira, transporte, vendedora, etc.)

SER CASEIRO E A AUTONOMIA RELATIVA

Um aspecto interessante neste perfil dos caseiros de Vinhedo é a ênfase que grande parte deles dá à questão da autonomia.

Uma autonomia recriada, que aparece de maneira bastante diversa no discurso dos caseiros de Vinhedo. De um lado, mais uma vez a união do local de trabalho e de residência é considerado um empecilho para a privacidade. O próprio fato de não poder se ausentar da propriedade é frequentemente apontado como algo que cerceia a liberdade. Tirar férias, por exemplo, torna-se algo raro, já que ser caseiro implica em estar sempre presente na

propriedade. Além disto, por mais liberdade que o patrão ofereça, é necessário estar sempre atento em não sair dos limites colocados pela própria relação de assalariamento. Afinal, patrão é patrão e empregado é empregado, conforme fica claro neste depoimento:

Não porque lá na fazenda tinha um campo de futebol e no final de semana a gente jogava bola e vinha gente de fora. Agora aqui o contato é diferente o seu João e a dona Maria tem o serviço deles e eu tenho o meu, as vezes a noite ele vai lá em casa ou eu vou na casa dele. No fim de semana o patrão dele está lá e o meu está aqui, então não fica legal a gente ficar entrando e saindo, essa é a grande diferença. Eu recebo minha família meus irmãos estão sempre ai, só que é na minha casa. Não fica bem ficar andando por ai na chácara. Isso não é só aqui, é no vizinho, é em toda parte.

Por outro lado, o caseiro é frequentemente empregado de um patrão ausente a maior parte do tempo¹¹. Isto lhe garante uma grande flexibilidade na utilização de seu tempo de trabalho. Assim, encontramos as situações mais diversas que apontam nesta direção. Só para citarmos alguns exemplos, um caseiro dedicava parte de seu tempo trabalhando na escola que seus dois filhos deficientes freqüentavam. Outros gastavam parte de seu dia cuidando de crianças ou idosos da família, o que seria impossível numa relação de assalariamento tradicional. Foi freqüente encontrar filhos, netos ou sogro/a sob os cuidados da caseira para que os demais membros da família pudessem trabalhar. Outros ainda, como ressaltou André Pires em seu relatório, fazendo churrascos em pleno dia de semana!

Assim, a ambigüidade aqui aparece no fato de que a associação do local de residência e de trabalho de certa forma “escraviza” o caseiro, de outra lhe dá autonomia para realizar atividades que não seriam possíveis em qualquer emprego que tivesse um controle maior por parte do

patrão ou seu preposto. Ressalte-se que esta última característica do “ser caseiro” é bastante valorizada pelos mesmos. Este espaço de autonomia relativa permite uma estratégia de sobrevivência mais flexível possibilitando conciliar o trabalho com outras atividades, produtivas ou não. Muitas vezes é possível alternar a atividade de caseiro com uma atividade por conta própria como meeiro na própria chácara.

Esta flexibilidade e a alternativa de poder cuidar dos filhos pequenos e mesmo de parentes idosos ao mesmo tempo que trabalham, foi apontada como uma vantagem importante do ser caseira. Muitas foram inclusive empregadas domésticas quando solteiras e optaram pelo emprego de caseira após terem os filhos. Isto fica claro no depoimento de A.C.S.M: *Eu era doméstica. Parei porque ficou difícil por causa dos filhos*.

A diferença entre ser caseira e ser empregada doméstica não é assim só uma questão de diferença salarial. Esta autonomia relativa do uso do tempo é algo importante, bem como a possibilidade de manter a família junta. Existem vários casos inclusive de parentes sendo caseiros em chácaras vizinhas ou próximas. Ser caseiro significa, em comparação com o ser empregada doméstica, além de permitir a obtenção de um salário melhor, a possibilidade de utilizar parte do seu tempo de trabalho para outras atividades, produtivas ou não.

Em algumas situações, a atividade de caseira quase que se torna secundária. É o caso de N.M.C.F., que dedica a maior parte de seu tempo como cabeleireira. *Me viro e faço as duas coisa*, afirmava ela em seu depoimento. Observe-se que neste caso atender as clientes na chácara significou evitar o risco e o ônus de manter um salão. N.M.C.F. além destas duas atividades toma conta da neta para a filha trabalhar como motorista fazendo transporte escolar.

É interessante ressaltar que muitas vezes o patrão estimula o desenvolvimento de atividades

⁽¹¹⁾ Como dizia J.P.S. em seu depoimento: *o bom aqui é que o patrão não aborrece*. Ou um outro entrevistado: *aqui se eu quiser dormir depois do almoço eu posso!*

produtivas na chácara, oferecendo, por exemplo, a infra-estrutura necessária. A título de exemplo, um jovem casal de caseiros mostrou, orgulhoso, o cultivo de hortaliças em estufas, doadas pelo dono da propriedade. A produção, e mesmo a comercialização, era toda feita pelo próprio caseiro, sem qualquer interferência do proprietário.

Naturalmente que em casos como este, além de uma postura benevolente por parte do proprietário, pode estar a sua necessidade de manter alguma atividade produtiva de forma a não pagar o IPTU.

De certa forma percebe-se uma recriação da busca da autonomia característica da agricultura camponesa, o que pode ser um indicativo de uma ruralidade reconstruída.

OS PROJETOS DE FUTURO

A questão dos projetos de futuro merece algumas considerações específicas no contexto da reconstrução da ruralidade. Ruralidade como uma categoria entendida aqui como uma forma de vida que se fortalece e adquire identidade no seu confronto com a cidade.

Isto significa supor que *mesmo quando se atinge uma certa homogeneidade, no que se refere aos modos de vida e à “paridade social”, as representações sociais dos espaços rurais e urbanos reiteram, diferenças significativas que têm repercussões diretas sobre as identidades sociais, os direitos e as posições sociais dos indivíduos e grupos, tanto no campo quanto na cidade... Nas sociedades modernas a categoria “rural” se enriquece na medida em que se torna o suporte de um imaginário e de práticas de realocação, presente, inclusive, nas cidades* (Wanderley, 2000:130/31).

Ou ainda que os efeitos da “racionalidade urbana” sobre o campo, provocada pela generalização da lógica do processo de trabalho e da produção capitalista intensificados pelos mecanismos da globalização, não possam, de forma alguma, ser tratados com negligência, é

precipitado concluir que tal processo resultaria na dissolução do agrário, e na tendência à transformação uniformizadora das condições de vida no campo... Ou seja, a ruralidade é um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas.(Carneiro, 1998,54 e 61).

Com relação aos caseiros, existem, em primeiro lugar, aqueles com projetos de futuro que vão claramente na direção de um retorno à terra, que passa por sua compra, quer em Vinhedo e região, quer na região de origem, onde seu preço é menor. É o caso de J.P.S. Sempre foi lavrador, sendo que há onze anos trabalha como meeiro num sítio de café. Com a desativação do sítio, que está sendo loteado para mais um condomínio, seu desejo é voltar para Ouro Fino, em Minas Gerais. Compraria um sítio, um trator e até colocaria um pouco de gado.

Para quem tem este perfil rural ser caseiro permite estabilidade e continuar trabalhando na atividade agrícola. Como explica novamente V. D.S.: *Ser caseiro, a vantagem de ser caseiro, pelo menos nessa chácara aqui é que aqui eu tenho uma roça; trabalho de empregado e estou no campo a mesma coisa entendeu? Eu tenho uva, eu tenho acerola, eu tenho de tudo e eu tenho o meu INPS pago, entendeu?*

Existem por outro lado aqueles caseiros com projetos já totalmente voltados para o urbano. Aí o objetivo é o acesso à educação e empregos melhor remunerados, senão para si., pelo menos para os filhos. A aquisição da casa própria é parte fundamental deste projeto.

Finalmente, existem projetos “híbridos”, onde existe o desejo de acesso à terra, mas ao mesmo tempo este desejo se mistura com o sonho da casa própria e com a vontade de um emprego melhor remunerado a partir de um nível de escolaridade mais elevado.

A hipótese é a de que o desejo do acesso à terra fica de alguma forma comprometido pelo alto preço da terra na região, e de outro pelos

baixos preços dos produtos agrícolas. Ou seja, ele existe, mas sofre uma espécie de desencantamento pelas dificuldades de sua concretização.

Assim, o acesso à terra fica como um projeto de futuro mais distante. Numa perspectiva mais próxima, investe-se na compra da casa própria e no retorno ao estudo como forma de melhorar sua inserção no mercado de trabalho.

Um dado interessante é que na comparação do ser caseiro com o trabalho na agricultura que muitas vezes realizavam, a questão da segurança financeira é freqüentemente mencionada. Como enfatizava G.F., como caseiro *todo mês o dinheiro vem*, ao contrário do que acontecia na época em que trabalhava como meeiro. Ou seja, ser caseiro permite para aqueles que gostam, continuar exercendo alguma atividade agrícola e ter uma renda estável.

Além disto conseguem ter uma atividade agrícola, só que exercida com uma menor exigência de esforço físico.

Para aqueles com este perfil, a opção ser caseiro é em grande medida feita pela possibilidade de manter uma atividade semelhante a que tinha na agricultura anteriormente.

É possível perceber que existe uma relação bastante forte entre a própria utilização da chácara e o perfil do caseiro.

Aquelas chácaras que se mantém produtivas demandam caseiros que possuem forte vínculo com o rural e tem projetos de vida que priorizam a manutenção desta ligação.

Nestas situações o caseiro não deixa de ser um trabalhador rural. Aqui, freqüentemente, ele sequer alterna atividades agrícolas com não - agrícolas pois ele e boa parte da família se dedicam integralmente ao cultivo na chácara. Ao contrário do “bóia-fria” não parece inclusive ter atingido um grau de proletarização tão intenso que o torne disponível para qualquer tipo de trabalho.

Em resumo, aqui ser caseiro permite continuar realizando uma atividade agrícola. Estes caseiros inclusive definem-se como

lavradores e não como caseiros ou empregados domésticos.

Quando o patrão necessita contratar um caseiro com este perfil não é incomum contra-tá-lo em uma outra região onde o rural ainda tem características mais tradicionais. É o caso de T.J.B., que veio com a família de Caconde, S.P, onde o patrão tem fazenda.

No outro extremo, chácaras utilizadas apenas para residência e/ou lazer não absorvem geralmente caseiros com este perfil. Geralmente são famílias que embora possam até ter tido um passado rural já se encontram mais distanciados dele. Neste caso sim ser caseiro é ser empregado doméstico e freqüentemente a atividade é alternada com outros empregos que nada tem de rural. É possível inclusive que uma mulher sozinha trabalhe como caseira, numa situação muito semelhante à empregada doméstica.

É o caso de uma caseira que morava apenas com um filho adolescente e trabalhava como segurança num clube noturno da cidade.

Ou de uma outra, com a saúde bastante debilitada por um câncer, que mora apenas com a filha universitária.

Obviamente que existem situações intermediárias entre estes dois extremos. Daí insistimos na idéia de que não existe um perfil único de caseiro nas chácaras de Vinhedo. Ao contrário: o que encontramos foi uma diversidade de chácaras ao lado de uma diversidade de caseiros.

SER CASEIRO E A MANUTENÇÃO DA RURALIDADE

Existe, dentro da heterogeneidade das chácaras que constituem hoje uma parcela significativa do espaço rural de Vinhedo e região, uma correspondente diversidade de perfis de caseiros.

Embora esteja clara a importância das chácaras como local de residência, não apenas para a classe média-alta de São Paulo, para os proprietários da região, mas também para os

próprios caseiros, elas são bastante diversas e seus caseiros também.

Um primeiro perfil, que pode não ser o mais relevante do ponto de vista quantitativo, mas é extremamente significativo do ponto de vista da manutenção da ruralidade, é o do caseiro com origem rural e que vê no trabalho da chácara uma oportunidade de manter vínculos com o trabalho agrícola no seu sentido mais estrito.

Seu Jaime foi o exemplo mais acabado deste perfil que encontramos ao longo da pesquisa¹². Daí optarmos por trabalhar com o seu depoimento de forma detalhada. Para melhor aproveitarmos o depoimento do seu Jaime, trataremos de três pontos importantes para explorar este perfil: a visão de terra, a visão do ser caseiro e a perspectiva de futuro¹³.

Com relação à importância da terra, "seu" Jaime enfatizava em primeiro lugar, que a terra deveria pertencer a quem nela trabalha.

A terra não é de se vendê. A terra é de nosso uso. A terra não é pra vendê. A terra é pro nosso uso. Hoje a lei foi que separou o direito de chegá aqui e dizê: esse 100 alqueire aqui, eu quero 500 milhão. Se a senhora tivé os 500 mil conto, é dona daquele 100 alqueire de chão. Se não tem... É o que vem acontecendo...

Seu Jaime chega a construir uma visão mística da terra:

Minha ilusão, sei que vô morrê. Se Deus quisé, to pronto a hora que Deus quisé, mas digo pra senhora a verdade. Eu não pude separá um pedaço de terra pra mim. Que meu prazer é a terra. É a minha vida, o meu estado aqui na terra é pra pôr lavoura em cima. Que eu não acredito que Deus tá lá não. Deus está aqui. Aqui está o pó, o sangue, o ferro, o ar, a energia, tá

tudo aqui no chão. Nós estamos cercado numa ilha. Tudo em volta de nós é água...

Todo mundo da minha classe, devia está na lei do governo, do presidente que é o nosso chefe, um conselho que dizia assim:

Essa terra quando nós nasceu já tava feita. Não fui eu, não foi você. Quem fez foi um homem só: é o Rei. Este é que fez o céu, o ar, o sol, a terra, a água e o fogo. E deixou tudo como eles são!

E termina, muito emocionado:

Eu tenho vontade de enfrentá um pedaço de terra pra mim. Eu gosto muito da terra. Eu adoro a Deus e a terra. Que sem a terra nada sou. Água, terra, sol e chuva é nossa vida. Mas não chegou pra mim.

Muitas religiões como o Judaísmo, o Cristianismo, e Islamismo ensinam que *Deus criou a terra e tudo o mais no universo... Consistente com a idéia do valor inerente da terra e da natureza derivado do seu criador, o valor teísta intrínseco da terra refere-se aqui ao valor dos elementos vivos e não-vivos da terra para Deus* (Bergstrom, 2001:12).

Assim, para "seu" Jaime, a terra é um bem natural precioso, que deveria estar disponível para todos, e não ter sido transformado em uma mercadoria como outra qualquer.

Mais que isto, para "seu" Jaime, o contato com a terra e com a natureza são fundamentais. Tanto é assim, que esta é a sua principal justificativa por morar na chácara.

Um chão de casa na cidade que se compra aí, um pedaço de chão que nem minhas filha compro aí na Capela; 160 metro de terra, só dá pra faze o enterro, só dá pra faze o enterro. Agora, vai morá dentro daquele paredão!!! Pode me dá uma casa em Vinhedo todinha, Louveira, São Paulo, em toda essas cidade aqui que eu não quero, quer dizê, dispenso. Muito abafado, muita agitação. Não agüento ficá

⁽¹²⁾ Estamos identificando o "seu" Jaime porque fomos autorizado a fazê-lo. As conversas longas e gostosas que tivemos durante a coleta dos depoimentos não permitiram que fosse tratado apenas um personagem anônimo.

⁽¹³⁾ Estamos, como Aspásia Camargo, Maria Isaura Pereira de Queiroz e outros, acreditando na possibilidade de fragmentar a história de vida para captar, não o indivíduo, como nas biografias, mas fenômenos sociais.

dentro de quatro parede. Plantá uma árvore e num dia de sol quente quando tivé bem folgado não tê o direito de pegá um bloco e sentá debaixo daquela árvore!

"Seu" Jaime não acredita nem mesmo no cultivo em estufas., exatamente porque não permite este vital contato com a natureza.

"Seu" Jaime saiu de Barra do Borda, Pernambuco em 1954 e foi para o Paraná, lá permanecendo até 1978. Pegou a época brava dos conflitos de terra no estado e se lembra com detalhes a grilagem patrocinada pelos então governadores, principalmente Moisés Lupião. Era a época em que se *ia rapando dos pequeno e passando pros grande*. É época em que tinha muita terra solta, e *um alqueire de terra valia 20 merreis*. O governador, lembra "seu" Jaime, vinha de avião já que o acesso pelas poucas estradas de terra era precário, *tomava dos pequeno, matava aquele monte de gente, formava uma fazenda de 300, 400 mil alqueire de chão. Marcava daqui pra lá, daqui pra lá é meu! Rapaz, os pequeno passo encontrando!*

Pode-se observar, portanto, que o forte vínculo de "seu" Jaime com a terra foi construído por experiências igualmente fortes da ocupação violenta da fronteira no Paraná nos anos cinqüenta. Experiência regada a mato, onça e perdas bruscas da produção do café pela geada.

Este vínculo com a terra significou ao mesmo tempo a construção de um saber com relação ao seu cultivo do qual "seu" Jaime muito se orgulha.

Ele lembra, por exemplo, que em 1978 veio para Atibaia trabalhar no cultivo de morango de um japonês que foi buscar várias famílias no Paraná. Ficou três anos nesta chácara mas em 1981, após uma seca seguida de geada, a plantação de morango e hortaliças foi completamente perdida e o patrão foge, devendo o salário para os empregados. "Seu" Jaime entra com uma ação no Ministério do Trabalho, mas como *não achava colocação nem pra remédio*, decidiu voltar para o Paraná, largando novamente tudo para trás.

"Seu" Jaime conta então com orgulho que o que permitiu que conseguisse um emprego novamente lá foi seu conhecimento sobre a agricultura. Isto porque viu uma poda de café sendo feita com motosserra e sugeriu que poderia fazer o serviço manualmente com melhor resultado.

Fui lá numa fazenda lá, que eu sempre fui muito de trabalho, essa honra eu tenho... fui numa fazenda e cheguei lá tava a poda de café, motosserra, cafezal danado.

Vi aquela poda de café falei pro rapaz: essa poda de café aí vocês tá errada. Digo: seu Zé Pereira, voceis vai perder essa poda de café... Esse café de voces não vai brotá. Vai brotá mas vai entrá muito óleo nesse pé de café...

Após muita insistência, convenceu o administrador a deixá-lo fazer o serviço com o machado, conseguindo assim emprego. Segundo ele, o seu café brotou muito mais rápido do que o que havia sido podado com motosserra.

Ficaram tudo olhando. Eu digo: Meus filho, eu fui nascido na lavora, eu sei o que é um pé de lavora, eu sei o que é um pé de café, um pé de feijão, um pé de cana, sei prepará.

E relata satisfeito o resultado deste episódio: *quando foi com quarenta e cinco dia minha poda de café já tava tudo brotada. O outro tava com uns brotinho assim desse tamanhinho.*

O próprio trabalho braçal deveria ser valorizado, segundo "seu" Jaime. Ele se entristece ao ver que *a cultura braçal, esta já era. Noventa e nove por cento hoje é maquinária. Oi meus filho, vai chegá um certo tempo aí que o maquinário vai tirá os braçal de todo mundo e geralmente.*

Assim, duas coisas são fundamentais para "seu" Jaime: o vínculo com a terra e o saber que ele construiu através deste vínculo, apesar de analfabeto...

"Seu" Jaime ficou mais sete anos no Paraná, trabalhando como bóia-fria, *de camarada pra*

um e pra outro. Quem quisé vê sofrimento no mundo fala em bóia-fria. É duro!

E foi ficando cada vez mais difícil com a crise do café e a entrada do gado.

"Seu" Jaime aproveitou então a visita de um conhecido de Vinhedo e resolveu tentar um emprego. Teve dificuldade para arrumar emprego, pois várias delas só queriam o casal.

Após várias tentativas, "seu" Jaime consegue um emprego em uma chácara para cultivar uva. Cultivou 420.000 pés de uva, mas quando o patrão quis registrar, ele preferiu ir formar uma chácara no bairro da Capela. Preparou a chácara em dois meses e o patrão então mandou que fosse rejuntar pedra na cidade. Em mais uma afirmação do seu vínculo com a terra, seu Jaime diz uns desaforos para o patrão e deixa o emprego. Este tipo de tarefa não cabe dentro de suas expectativas de trabalhador que sempre trabalhou com lavoura!

Na tentativa de se manter enquanto tal, "seu" Jaime trabalhou na fazenda Monte Alegre, e finalmente, na Chácara Sabó, onde está há quatorze anos.

O trabalho realizado nesta chácara é um outro orgulho de "seu" Jaime.

Aqui não tinha nada... Não tinha um pé de planta de nada. Só tinha cobra. Tudo isso aqui fui eu que plantei... Peguei o machado o facão e fui cortando, fui cortando.

Foram três anos de trabalho para deixar a chácara em ordem. O gerente tentou interferir no seu trabalho, mas quando viu o capricho com que era realizado foi obrigado a admitir: *Com quem sabe não se meche! Pode fazê o que quisé.*

A opção por esta chácara e sua estabilidade nela é mais uma confirmação do vínculo de "seu" Jaime com a terra. Nesta chácara "seu" Jaime pode não só cultivar, mas fazê-lo com autonomia.

A gente tem que tê um pouco de liberdade também. Fica aí num terreno, numa chacinha e não podê plantá um pé de couve, de mandioca...

Ou seja, para "seu" Jaime, trabalhar na terra faz parte do ser caseiro. Chácaras que não

sejam produtivas, que sejam só para residência ou lazer não interessam a "seu" Jaime.

Prá mim aqui tá muito bom. Eu não tenho cachorro prá cuidá, eu não tenho gato prá cuidá, não tenho piscina prá cuidá. Não, não. Não senhora. Patrão fica pegando muito no pé da gente.

É interessante ressaltar que o cultivo de produtos na chácara é visto por "seu" Jaime como uma importante complementação de salário. Nas chácaras onde isto não é possível, *chega sábado, domingo é penteá cavalo, penteá cachorro, não, não. Tem que comê aquele jurinho, aquele salarinho que ganha. Se deu é aquele, se não deu é aquele!*

A liberdade que possui na chácara é um dos aspectos mais positivos do ser caseiro nesta chácara.

Eu moro neste sítio há quatorze anos, há quatorze ano que moro neste chão que é do Dr. Sabó. Morreu fais quinze dia. Que Deus o tenha em bom lugar. Nunca vi ele neste terreiro. Nunca me amolo num fio de cabelo. Desde que eu moro aqui. São gente fina, pra mim são gente boa. Nunca me aborreceram.

A relação com os patrões é portanto bastante contraditória. Ao mesmo tempo que afirma que o patrão tem que ser valorizado, o que esta nova geração não faz, "seu" Jaime tem em sua história de vida vários conflitos com eles.

A questão da autonomia - poder realizar seu trabalho sem a vigilância constante do patrão e exercitando seu saber construído no trabalho com a terra - é algo extremamente valorizado por "seu" Jaime. A possibilidade de poder estar vivenciando esta experiência foi fundamental para sua permanência prolongada nesta última chácara.

Esta sensação é reforçada pelo sentimento de que é ele o responsável pela propriedade. Como o próprio "seu" Jaime explica: *Era pra mim tomarem conta aqui. Aqui estou como guarda florestal... Caso entendessem de invadi aqui eu tenho que chama alguém prá me ajudar.*

É este aspecto do ser caseiro que vem incomodando cada vez mais "seu" Jaime. Garantir a propriedade pela qual é responsável está difícil com o aumento da violência, que no seu entender acontece em virtude das próprias mudanças.

Entrou muito turismo. Esses condomínios é muito ótimo porque dá serviço prá muita gente. Mais é onde os desordeiro está tudo socado ai nesses condomínio.

Essa dificuldade, aliada à morte do próprio proprietário reacenderam o projeto da terra própria: *Quero a terra. Quero vivê da terra e quero que ela acabe comigo também... Um lugar que me interessa, que eu tinha vontade de ir assim, passei lá e adorei é o Estado de Minas.. Mas minhas força já está pouca.*

Assim, um sonho um pouco mais viável vai se colocando no lugar: voltar para Pernambuco. Sonho, entretanto, não compartilhado por Dona Vangelina, que se recusa a deixar os filhos para trás.

E o nosso caseiro trabalhador agrícola vai se mantendo enquanto tal, resistindo a se tornar um empregado doméstico. E assim permanecerá enquanto este tipo de chácara continuar existindo na região.

SER CASEIRO: SER EMPREGADO DOMÉSTICO

Uma outra personagem encontrada, igualmente simpática e com uma história de vida igualmente rica foi V. Originária do interior do Mato-Grosso do Sul, seu perfil, entretanto, é completamente diverso daquele do "seu" Jaime. Neste caso não há mais a construção de uma visão da terra propriamente dita e serão enfatizados a visão do ser caseiro e perspectivas de futuro.

Uma característica interessante desta caseira é que sua trajetória está bastante marcada pela sua vida afetiva. Veio para Vinhedo há mais de seis anos, fugida do marido. Após ficar dois meses na casa de uma irmã, conseguiu um emprego em uma chácara através de um amigo. Entretanto, menos de um ano

depois decidiu voltar para o Mato Grosso do Sul, basicamente em função de ter terminado o relacionamento com o namorado. Lá permaneceu por mais seis meses cultivando na chácara da ex-sogra, quando decidiu voltar para Vinhedo novamente. Está há mais de cinco anos na chácara atual.

Assim, uma primeira diferença com relação a seu Jaime é que embora tenha um passado bastante ligado ao rural, esta caseira tem alternado o ser caseira com empregos em atividades tipicamente urbanas, como a venda de produtos de beleza e segurança em casas noturnas. Começou na roça aos onze anos, mas sempre trabalhando nos intervalos como empregada doméstica ou vendedora de produtos de beleza. E estes são os empregos mais valorizados por ela:

Eu trabalhava na roça. Nos intervalos assim eu trabalhava de doméstica eu trabalhava na casa dos professores, eu trabalhei na casa de um vice-prefeito.. Eu vendia produtos da Lemolache, da Avon, de bastante variedade de produtos eu vendia.

Mais do que o interesse em detalhar as atividades não agrícolas, mostrando que estas inclusive permitiram sua aproximação de pessoas influentes na cidade, a maior valorização destas em relação ao trabalho na roça pode ser claramente percebida no tom da voz quando se refere aos dois tipos de atividade. Este, normalmente desanimado, lacônico ao se referir ao trabalho na roça tornava-se muito mais vivo e preciso ao mencionar as demais atividades.

Um segundo aspecto que mostra um perfil diverso de V. é o fato de se empregar em chácaras não mais produtivas, mas sim voltadas apenas para moradia/lazer. Quando veio para Vinhedo, trabalhou dez meses em uma chácara como empregada doméstica. Trabalhava na chácara e tomava conta de duas crianças. O filho cuidava da parte externa da chácara. Voltou para o Mato-Grosso, ficou seis meses e tornou a vir para Vinhedo. Na chácara atual também não há produção agrícola e ela trabalha basicamente como empregada doméstica, embora agora com o filho já com vinte anos

e seu próprio emprego, ela seja obrigada a fazer a manutenção da parte externa.

Não é tão bom, porque eu continuo trabalhando na enxada, fazendo um serviço meio pesado.

O que é valorizado no ser caseiro é a possibilidade de conciliar emprego e moradia. Em suas palavras, o bom dessa chácara é que a gente vive sossegado. A gente não paga água, não paga luz, não paga aluguel. Isto facilita pra gente.

Esta é aliás a grande razão porque trabalha de caseira.

Aqui eu tenho a casa. Se eu pegar minha casa e eu vender e eu tiver jeito de sair eu deixo de trabalhar de caseira.

Quando indagada sobre a possibilidade de optar pelo emprego de segurança, quando o médico recomendou deixar um deles, V. foi bastante clara:

Não nunca. Porque neste aqui eu tenho a minha casa né, onde a gente mora. Então não. Lá era só apenas um bico. A gente fazia o que dava pra complementar o salário. Mas pra gente abandonar aqui e pega lá não.

Em outras palavras, mais do que uma possibilidade de manter o vínculo com a terra, para V. o ser caseira significa a possibilidade de ter um lugar para morar, principalmente devido à valorização imobiliária. Tanto é assim que as duas chácaras em que trabalhou não são produtivas.

Aqui tem que vive só tipo assim em chácara mesmo. Dois cômodos custam R\$350,00! Dois cômodos e um banheiro...

Uma última diferença, talvez a mais importante entre "seu" Jaime e V. diz respeito aos planos para o futuro. Como para V. ser caseiro e atividade agrícola não estão mais relacionados, o ser caseiro deixa de ser visto como algo definitivo. Ao contrário de "seu" Jaime, que luta para não abandonar as atividades agrícolas, V. gostaria de se dedicar ao comércio:

Eu tenho vontade de trabalhar com vendas. Eu sou mais assim pro lado por

exemplo que colocasse uma lojinha pra mim. Com a ajuda do meu filho e mais do meu marido... Uma lojinha de R\$ 1.99 pra gente começar devagarzinho. A gente nunca pode ir muito além.

A própria avaliação do que é ser caseiro é feita de forma diferente por V. se compararmos com seu Jaime. Enquanto para ele o fundamental era a manutenção do vínculo com a terra, para V. trata-se de garantir a moradia e ao mesmo tempo um trabalho que de qualquer forma é melhor do que o da empregada doméstica tradicional.

Eu prefiro este serviço do que empregada doméstica, afirma em seu depoimento. A razão é a maior exigência e controle dos patrões quando se trabalha como empregada doméstica.

Eu prefiro este serviço do que empregada doméstica. Empregada doméstica, é muita coisa. Não tem condição! Esse pessoal de São Paulo eles são muito exigente. As patroas! Mesmo tando de folga a gente não tinha sossego.

Fica reforçada a visão de que se trabalha mais sossegado nas chácaras, ou seja, com maior liberdade, embora a preocupação com a responsabilidade pela segurança.

Tem mais liberdade. Embora que a liberdade da gente aqui a gente tem liberdade mas ao mesmo tempo a gente tem a mesma obrigação porque a gente nunca pode sair todo mundo e deixar sozinha a chácara. Sempre a gente tem aquele dever né!

A questão da segurança aliás é uma das que unem estes dois caseiros com perfis tão diferentes. O aumento da violência é apontado por ambos como uma das maiores dificuldades.

É difícil a vida de trabalhar em chácara. Por que a gente tem aquela preocupação de sair e voltar né. Vê se está tudo em ordem né. A gente chega e tem que presta atenção nas coisas, vê como é que tá. Aquilo que a gente chega, quando vê um rastro de carro diferente, a gente sabe que veio alguém, já teve alguém diferente ai... Roubaram a casa estes tempos

atrás... dia vinte e quatro de abril. Desde quando eu tava morando aqui nunca tinha acontecido uma coisa dessa. Eu nunca na minha vida eu tinha entrado dentro de uma casa que tivesse sido assaltada. Ai pra mim foi um choque tão grande que eu não sabia o que fazia. Eu jamais imaginava que ia acontecer isto aqui.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Se pensarmos especificamente nas relações dos caseiros com os demais integrantes que compõem o mundo rural hoje, podemos observar em primeiro lugar que eles possuem uma percepção bastante clara das mudanças ocorridas.

Destacam como aspecto positivo a geração de empregos e a melhoria no atendimento, principalmente nas áreas de saúde e educação. Por outro lado, a entrada destes novos personagens levou a um aumento da violência. A questão da segurança se coloca hoje como o grande problema para quem é responsável por zelar por uma propriedade.

Uma segunda observação relevante é que não existe qualquer organização articulando seus interesses específicos. Se existem Associações, ainda que embrionárias, tanto de produtores como dos atores voltados para o Turismo, os caseiros não participam de qualquer organização específica.

Mais que isto, seu grau de sociabilidade é relativamente baixo. Sua convivência geralmente se restringe a família e alguns poucos amigos. Vários deles sequer participam das Festas da região.

Um dos motivos que podem justificar esta realidade é o próprio paternalismo bastante presente na relação entre caseiros e seus patrões. De certa forma, esta relação é ainda mais pessoal do que a das próprias empregadas domésticas e suas patroas. A não separação entre local de trabalho e moradia que se constitui numa das características do ser caseiro reforça esta

tendência. O próprio salário frequentemente tem componentes não-monetários.

Um outro aspecto que poderia justificar o não associativismo entre os caseiros é a sua própria diversidade. Na verdade o que se percebe é uma gama tão grande de chácaras e caseiros, tornando difícil perceber o que os une. São sujeitos com diferentes visões do que é ser caseiro. Só para recordar, enquanto para alguns trata-se apenas de um emprego temporário, para outros é uma profissão definitiva. Enquanto para uns ser caseiro permite manter o vínculo com a terra e com o rural, dedicando-se apenas ao trabalho na chácara, outros têm projetos de futuro já voltados para o urbano. Para estes a pluriatividade adquire um significado de alternar o trabalho na chácara com uma diversidade de atividades não-agrícolas.

Esta diversidade inclui relações com os demais atores também diferenciadas. Alguns têm uma relação de assalariamento com os patrões de classe média-alta, geralmente de fora. Outros, entretanto, se relacionam de forma muito mais igualitária com os antigos proprietários das pequenas chácaras de vinhedenses que têm inclusive um estilo de vida bastante próximo ao seu. Casamentos entre famílias de caseiros e estes proprietários não são incomuns.

Resumindo, as relações paternalistas, associadas a uma grande diversidade de situações, dificultaria a possibilidade destes novos atores atuarem a partir de interesses coletivos.

Poder-se-ia mencionar ainda as dificuldades de ordem prática relacionadas ao próprio isolamento e de deixar as chácaras sozinhas por razões de segurança.

De qualquer forma, a reconstrução da ruralidade vivenciada em Vinhedo permite a existência de um grande contingente destes trabalhadores que de um lado insistem em manter uma ligação com o rural, e de outro se beneficiam da proximidade com o urbano.

Neste cenário de mudanças percebe-se uma grande capacidade de adaptação destes novos personagens. Garantiram moradia e a

possibilidade de conciliar - no caso das chácaras produtivas - a atividade agrícola com uma estabilidade de renda proporcionada pelo salário. Mais que isto, com relação a estes caseiros que ainda cultivam a terra, foi possível manter uma certa especialização, já que dedicam-se apenas a esta atividade.

No extremo oposto, aqueles que não mais desejam se manter na atividades agrícolas têm a oportunidade de complementar o emprego de caseiro com empregos não agrícola.

Assim, qualquer perspectiva de política pública visando estimular o desenvolvimento local, que tem que considerar uma crescente aproximação do urbano e do rural em Vinhedo, deve manter e estimular as possibilidades de atender a geração de empregos de maneira a atender estes vários perfis de caseiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo - Subsídios e Multifuncionalidade na Política Agrícola Européia, mimeo, 2000.
- _____ Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Relatório de Pesquisa IPEA, São Paulo, Rio de Janeiro, mimeo., 1999.
- BASALDI, Valentim Otávio - Características do Emprego Rural no Estado de São Paulo nos Anos 90. Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia, UNICAMP, 2000.
- CAMPANHOLA, C. e GRAZIANO DA SILVA, J. - O Novo Rural: Uma Análise Nacional Regional vol.1 EMBRAPA/UNICAMP, 2000.
- CARDOSO, Alessandra - Dicotomia Rural-Urbano, Economia Local e Pluriatividade (Em Busca de um Espaço para o Rural). Economia Ensaios, Uberlândia, 12(2) 13(1) 27-74 jul/dez 1998.
- CARNEIRO, M. J. et al - Campo Aberto, o Rural no Estado do Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro
- CARNEIRO, M. José Teixeira - O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In SILVA, F, C. Teixeira da et alii (orgs.) Mundo Rural e Política, editora CAMPUS, Rio de Janeiro, 1999.
- _____ Ruralidade: novas identidades em construção, ESTUDOS Sociedade e Agricultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, número 11, out. 1998.
- _____ Do rural e do urbano : uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade II seminário sobre o Novo Rural Brasileiro, Instituto de Economia, UNICAMP, out. 2001
- COSTA, Vanda Ribeiro - Origens do Corporativismo Brasileiro, in BOSCHI, Renato R. (org.) Corporativismo e Desigualdade: a Construção do Espaço Público no Brasil IUPERJ, Rio Fundo Editora, Rio de Janeiro, 1991.
- GÓMEZ, Sérgio - Novedades em la Agricultura Chilena, Nuevos Actores Sociales y Escenarios : Negociaciones y Confrontaciones. Santiago do Chile, 1997 mimeo.
- GRAZIANO DA SILVA, J. - Velhos e Novos Mitos do Rural Brasileiro, II Seminário sobre o Novo Rural Brasileiro, Instituto de Economia, UNICAMP, A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 1996.
- _____ O Novo Rural Brasileiro, Instituto de Economia, UNICAMP, 1999.
- _____ El Desarrollo Local En Contextos de Globalización: una reflexión desde la experiencia brasileña. Revista Internacional de Sociologia (RIS) Tercera Época, Septiembre-Diciembre, 2000, 171-187.
- MOYANO ESTRADA, E. (coord.) - Las Organizaciones Profesionales Agrarias in la CEE, Ministério de Agricultura Pesca y Alimentación, Madrid, 1993.
- MOYANO ESTRADA, E. - Master en Dirección en Empresas Agrarias. Modulo: Organizaciones Profesionales Agrarias. Departamento de Economía y Sociología Agrarias, Universidad de Córdoba, s.d

- _____ Ideologias y Estrategias de Accion Coletiva en el Sindicalismo Agrário, Separata de Revista Valenciana D'Estudis Autonomicos nº 14, Valencia, outubro 1992.
- _____ Sobre El Concepto de Capital Social e Su Utilidad Para el Analisis del los Procesos de Desarrollo. IESA, Córdoba, 2000 mimeo.
- NAVARRO, Zander - Desenvolvimento Rural Brasileiro: Os Limites do Passado e os Caminhos do Futuro in ESTUDOS AVANÇADOS 15 (43), 2001 83-100.
- PIRES, André - Relatório Científico FAPESP de Bolsa de Doutorado, IFCH - UNICAMP Campinas, Agosto de 2001.
- _____ Identidade e Agricultura Familiar: repensando as identidades frente às recentes transformações do espaço rural paulista através do estudo de caso no município de Vinhedo, estado de São Paulo. Projeto de doutorado em Ciências Sociais, IFCH, 1999.
- _____ Relatório Científico de Bolsa de Doutorado, FAPESP, Agosto de 2001
- SARACENO, Elena - A experiência europeia de desenvolvimento rural e sua utilidade para o contexto latino americano Seminário Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 21 a 23 de novembro de 2001.
- SCHNEIDER, Sérgio - Elementos Teóricos para Análise da Pluriatividade em Situações de Agricultura Familiar II Seminário sobre Novo Rural Brasileiro, Instituto de Economia/Unicamp, out. 2001.
- _____ A Agricultura Familiar em Uma Época de Transformações Sociais: a pluriatividade como estratégia de reprodução social. Trabalho apresentado no X Congresso Mundial de Sociologia Rural, Rio de Janeiro, 2000.
- SOUZA de, Marcelino - Atividades Não-Agrícolas e Desenvolvimento Rural no Estado do Paraná Tese de Doutorado, Faculdade de Engenharia Agrícola, UNICAMP, 2000.
- TOLEDO, P. E. - Nascimento de Loteamento Rural: Problemas e Possibilidades, Preços Agrícolas, ano 14, nº168, outubro/novembro de 2000.
- VEIGA, José Eli - O Brasil Ainda não Encontrou seu Eixo de Desenvolvimento, Estudos Avançados 15 (43), 2001.
- VEIGA, José Eli et al. - O Brasil Rural Precisa de uma estratégia de desenvolvimento, Nead, Série Textos para Discussão, nº 1, agosto de 2001, www.nead.gov.br.
- WANDERLEY, M. Nazareth Baudel - O Lugar dos Rurais : O meio Rural no Brasil Moderno. XXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1997.
- _____ A Valorização da Agricultura e a Reivindicação da Ruralidade no Brasil. X Congresso Brasileiro de Sociologia Rural, Rio de Janeiro, 2000 a.
- _____ A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas o "rural" como espaço singular e ator coletivo in Estudos Sociedade e Agricultura nº 15, outubro de 2000 b.
- WOOLCOCK, Michael - Social Capital and Economic Development: toward a theoretical synthesis and policy framework. Theory and Society nº 27 pp. 151-208, march 1998.

